



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

VANESSA RODRIGUES BARBOSA

MARGINALIDADE E AFETO: a potência das classes populares na construção de
identidades na literatura brasileira contemporânea

Rio de Janeiro

2024

VANESSA RODRIGUES BARBOSA

MARGINALIDADE E AFETO: a potência das classes populares na construção de
identidades na literatura brasileira contemporânea

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciada em
Letras na habilitação Português/
Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

Rio de Janeiro

2024

FOLHA DE AVALIAÇÃO

VANESSA RODRIGUES BARBOSA

DRE: 115208575

MARGINALIDADE E AFETO: a potência das classes populares na construção de identidades na literatura brasileira contemporânea

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data da avaliação: ____/____/____

Examinada por:

Prof. Dr. Renan Ji
UFRJ (Orientador)

NOTA:

Prof. Dra. Raphaella Mendes Silva de Castro Lira
CAp-UERJ (Leitora crítica)

NOTA:

Rio de Janeiro
2024

À minha querida filha Maitê,

Você é a luz da minha vida e a motivação por trás de cada esforço. Este trabalho é uma pequena reflexão do amor e do sonho que tenho para você. Que você sempre busque conhecimentos, nunca pare de sonhar e siga com coragem os seus caminhos. Que eu possa ser um exemplo de perseverança e dedicação em sua jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me abençoado com saúde, força e resiliência para que eu pudesse concluir esse ciclo.

À minha mãe, que me abriu os caminhos primeiros, apesar das dificuldades e dos enfrentamentos todos, sempre esteve ao meu lado. Ao meu irmão Leonardo pelo o apoio e pelo suporte de sempre, pela aceitação plena e condicional da minha pessoa inteira, pelo o amor e pelo carinho que nos aproxima.

Ao meu esposo por ter me apoiado nessa jornada acadêmica, ao longo desses anos e que me incentivou a nunca desistir.

Ao meu orientador Renan Ji, pela orientação gentil e afetuosa na construção desta monografia. Seu empenho em me ajudar a construir esta pesquisa, foi fundamental. Sem seus conselhos e críticas construtivas, nada disso seria possível.

Aos meus amigos da Faculdade de Letras, Adriene e Roberto, por toda parceria carinho e ombro amigo, durante essa jornada. Com certeza, deixaram os meus dias mais leves e divertidos.

A mim mesma, por tudo e por tanto, por permanecer e por persistir, por ser impossível e não me deixar morrer, por não parar e por concluir esta etapa que foi, por muitos motivos, das mais desafiadoras e difíceis da minha vida.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente na minha formação até o presente momento.

A nossa escrivência não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar o pouco espaço que as camadas menos favorecidas têm dentro da literatura brasileira, tal como a presença limitada de personagens negras, sobretudo como protagonistas. Pretende-se constatar, a partir dos suportes teóricos de Djamila Ribeiro (2019), que debate os conceitos de lugar de fala e classe social, e de Regina Dalcastagnè (2012), a importância de produzir novas bases epistêmicas para pensar a criação literária. Para isso, aprofundi minha reflexão analisando Conceição Evaristo, uma das vozes mais significativas da literatura negro-brasileira, que contribui de forma enriquecedora para as vivências e experiências das mulheres negras e periféricas. Em seus contos “Duzu-Querença” e “Luamanda”, presentes na antologia *Olhos d'Água* (2014), Evaristo nos traz um outro olhar, oferecendo uma nova perspectiva que valoriza a dignidade dessas personagens.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; protagonismo negro; Djamila Ribeiro; lugar de fala; Regina Dalcastagnè; Conceição Evaristo; periferia.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. LUGAR DE FALA: REFLETINDO SOBRE SUA IMPORTÂNCIA	13
1.1. O lugar de fala: as vozes sociais na literatura brasileira	15
1.2. A importância da voz das classes populares no cenário literário	18
2. CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCRIVIVÊNCIA COMO VOZ DE LIBERTAÇÃO	22
2.1. A personagem negra e o protagonismo nas narrativas	25
2.2. Duzu e Querença: resistência através da fantasia	28
3. REPRESENTAÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA	33
3.1. Mulheres negras: donas de seus corpos	34
3.2. O poder do erótico como empoderamento em Luamanda	36
4. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A obra *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de Regina Dalcastagnè (2012), aborda de forma contundente a realidade das classes populares dentro da literatura brasileira. A autora aponta reflexões importantes e nos sinaliza o quanto padrões estéticos estigmatizados e marginalizados são reproduzidos, quando se trata da periferia nas criações literárias ao longo dos anos. Ela traz à tona, com inúmeros exemplos em seu livro, como esses indivíduos têm suas vozes e experiências silenciadas e negligenciadas na literatura.

Nesse contexto, este trabalho pretende levantar a discussão sobre a importância do lugar de fala e da resignificação da representação de personagens das camadas menos favorecidas, especialmente, das mulheres negras e seus corpos, que são carregados de estereótipos dentro das narrativas literárias, reforçando e contribuindo para a marginalização desses grupos na sociedade. Desse modo, é preciso e necessário que espaços sejam também abertos a escritores e escritoras da periferia, para que suas – com base na concepção de Conceição Evaristo – “escrevivências” sejam construídas e legitimadas, numa linguagem que se aproxima da oralidade para dialogar com o leitor, sobretudo, com protagonismos de personagens de origem social variada e complexa.

A partir da produção, mencionada acima, analisada por Dalcastagnè, e as narrativas “Duzu-Querença” e “Luamanda”, que fazem parte da coletânea de contos *Olhos d’água* (2014), escritos por Evaristo, além de outras diferentes leituras acerca do assunto, percebi a necessidade de abordar tal temática, vislumbrando a literatura periférica e marginal na construção de uma identidade mais afetiva, socialmente compromissada e que possa transmitir o que os subalternizados têm a dizer. Sendo assim, a literatura, no que diz respeito a assuntos relacionados às camadas desfavorecidas, muitas vezes, surge como uma resposta às vozes silenciadas e à experiência vivida nas comunidades marginalizadas. Ao abordar a temática da construção de uma identidade afetiva dentro desse contexto, é fundamental reconhecê-la como uma forma de resistência e de afirmação da subjetividade e da cultura dessas comunidades.

A sociedade em geral constantemente ignora ou subestima as vozes das pessoas que vivem em periferias e espaços marginalizados, e isso também se aplica às instituições culturais, editoras e meios de comunicação, que tendem a dar menos atenção às suas narrativas. A literatura periférica reivindica espaço e visibilidade,

desafiando a ideia de que apenas as vozes tradicionais ou acadêmicas têm valor. Isso possibilita uma variedade de experiências e realidades que são frequentemente invisibilizadas, a partir de vivências como: identidade, pertencimento, resistência, luta, cultura, tradição, empoderamento e voz. Esse tipo de criação literária não só oferece uma perspectiva única sobre a vida nas periferias, bem como desafia estereótipos, promovendo o diálogo e criando um espaço para que suas vozes sejam compreendidas e tenham valor. Através dela, é possível vislumbrar não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também a resiliência e a riqueza cultural desses contextos.

Dito isso, essa literatura possibilita a ressignificação e a desconstrução dos estereótipos das camadas em condições menos favoráveis. Desse modo, é essencial que a sociedade reconheça a literatura marginal como um patrimônio histórico e simbólico, incluindo diferentes matrizes culturais nos currículos escolares, festivais literários e bibliotecas, para que essas vozes sejam promovidas e reconhecidas. A pesquisa acadêmica também pode validar essas literaturas e promover autores e autoras periféricos, como também editoras podem ser incentivadas a publicar obras de escritores marginalizados e tantas outras infinitas possibilidades de ampliar as oportunidades e mudar as perspectivas em relação à literatura marginal, permitindo que relatos antes ofuscados ganhem luz e relevância na sociedade.

É notório que o fazer literário brasileiro - assim como em outras artes - é homogêneo, em sua maioria, constituído por escritores homens, brancos, heterossexuais e de classe média, que seguem um mesmo padrão de representação e acabam excluindo a classe popular. Sendo assim, a falta de diversidade e representatividade nas obras literárias reflete a desigualdade social, contribuindo para uma perpetuação de estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, a ausência de autorrepresentação é outro ponto que considero como uma problemática, pois, muitas vezes, a representação de personagens pobres na literatura não é desenvolvida de forma complexa, o que acaba resultando em, como já falado, estereótipos. Essas representações tendem a se concentrar em aspectos negativos, como a violência, a falta de ambição ou a insuficiência econômica, o que limita a visão sobre pessoas em condições desfavoráveis. Autores que vêm de contextos elitizados podem ter dificuldade em escrever sobre a pobreza, já que suas experiências de vida são muito diferentes. Isso pode levar a representações superficiais que não capturam a diversidade e a riqueza da vida das pessoas em circunstâncias adversas.

À vista disso, é preciso evidenciar quem fala e em nome de quem, para que a legitimidade e autenticidade sejam respeitadas. Por isso, a representatividade na literatura é determinante para que todos se sintam incluídos e representados em obras literárias. Quando lemos um livro e nos identificamos com o personagem principal, isso faz que com que nos sintamos parte da história, o que faz aumentar a autoestima e o sentimento de pertencimento. Além disso, tais representações nos permitem compreender realidades diferentes da nossa, ampliando assim a nossa visão de mundo.

Como mulher e moradora de uma região periférica do Rio de Janeiro, mais especificamente na comunidade da Maré, encontrei na escrita de Regina Dalcastagnè e nos contos da escritora Conceição Evaristo, ferramentas para construir o meu objeto de estudo. Com a primeira, concordo plenamente em suas reflexões e admiro o modo como Dalcastagnè escreve e enfatiza sobre a urgência de dar voz e trazer as experiências das camadas populares na literatura brasileira contemporânea. Com a segunda, houve uma identificação imediata ao ler seus escritos, pois muito do que li não vivenciei diretamente, contudo, pude ser testemunha e ouvinte de muitas situações semelhantes às que são retratadas nos contos.

Portanto, não à toa escolhi o livro de Regina Dalcastagnè: *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* e os dois contos de Conceição Evaristo, que levam o nome das personagens como título. As narrativas de Evaristo dialogam muito bem com tudo o que a pesquisadora e estudiosa Dalcastagnè defende e busca para dentro da literatura. No prefácio de *Olhos d'água*, percebe-se que Evaristo usa sua escrita para retratar suas experiências e escancarar o que há de errado com a realidade. Por meio das situações compartilhadas, é possível uma partilha de vivências e saberes perante situações que vêm acompanhadas de ancestralidade, fé, lágrimas, violência, sentimentos e sexualidade. Os acontecimentos expostos não reproduzem o silenciamento, ao contrário, os contos representam as vozes, o protagonismo e a autorrepresentação de mulheres negras distintas, evidenciando temas atuais que reverberam, todavia, circunstâncias que acontecem desde que “o mundo é mundo”. Evaristo muda a perspectiva da representação da mulher negra como objeto-corpo para mulheres negras protagonistas de suas histórias, quebrando modelos homogêneos que a literatura sempre reforçou no imaginário - hiperssexualizando e estereotipando seus corpos de modo pejorativo e fomentando a discriminação de raça e gênero.

Diante do exposto - o contexto sócio-histórico de marginalização e invisibilidade das classes populares, no qual se inclui o caso da mulher negra periférica -, a

ressignificação de sua imagem na literatura torna-se uma ferramenta essencial para desconstruir estereótipos e ampliar a representatividade de diferentes vivências e perspectivas. Através da narrativa, essas mulheres ganham voz, espaço e protagonismo, desafiando preconceitos e reivindicando seu lugar de direito na sociedade. Nesse sentido, a literatura se apresenta como uma forma poderosa de reconhecimento e valorização da identidade e da ancestralidade da mulher negra periférica, possibilitando a construção de novas narrativas e o progresso de uma sociedade com mais pluralidade.

Para implementar tais reflexões, este trabalho contará com três capítulos. No primeiro, será discutido o lugar de fala das classes menos favorecidas e qual sua importância no meio social e na literatura brasileira contemporânea. Partindo desses conceitos, farei uma análise sobre a ideia de que a vivência desempenha um papel fundamental na legitimidade do discurso a respeito de questões de subalternidade e privilégio.

O segundo capítulo, abordará sobre como a “escrevivência” de Conceição Evaristo veio para dar voz à mulher negra na literatura contemporânea – como forma de libertação – com histórias autênticas e empoderamento. Já no terceiro capítulo, veremos como o feminino negro pode e deve ser representado nas criações literárias contemporâneas tendo suas experiências ressignificadas nessas histórias. Nelas, essas mulheres são capazes de serem donas de seus corpos e seus desejos sexuais, além de usar o poder do erótico como ato de resistência à dominação e à subserviência.

Conceição Evaristo é um exemplo de como as narrativas literárias podem ser um espaço de afirmação e transformação. Na sua escrita – ousada e sincera –, Conceição permite que essas mulheres tomem posse de suas histórias e que, por meio da literatura, desafiem e transformem as percepções que a sociedade tem sobre elas. Além disso, é fundamental que haja essa representatividade e novas referências para os atuais e, principalmente, futuros leitores.

1. LUGAR DE FALA: REFLETINDO SOBRE SUA IMPORTÂNCIA

A escritora, feminista negra, filósofa e acadêmica brasileira, Djamilia Ribeiro, em seu livro *Lugar de fala*, explora a noção de que a experiência vivida é importante para a legitimidade do discurso sobre questões de subalternidade e privilégio. Ribeiro ressalta a importância de dar voz àqueles que são historicamente marginalizados, sobretudo, as mulheres negras, que enfrentam tanto a opressão de gênero quanto a racial.

A ideia central da obra *Lugar de fala* defende que apenas aqueles que vivenciam diretamente as injustiças têm a autoridade para discutir e articular sobre suas experiências. Isso se baseia no entendimento de que as vozes que falam sobre machismo, racismo e outras formas de discriminação devem ser respeitadas e ouvidas, pois são elas que trazem a vivência e a realidade de quem sofre essas violências. Ribeiro também critica a apropriação de vozes e narrativas de grupos marginalizados por pessoas que não fazem parte dessas comunidades, apontando que isso muitas vezes deslegitima as lutas daqueles que realmente vivem essas realidades.

Para além da questão concreta daquela mulher ser obrigada a calar-se, a usar um artefato em sua boca, Kilomba pensa essa máscara como a afirmação do projeto colonial. Vê essa máscara como “a mask of speechless” – em tradução literal ‘a máscara daquelas que não podem falar’. Nessa perspectiva, essa máscara legitima a política de silenciar “Os Outros”, afirma a pensadora. As perguntas que a autora faz neste capítulo são importantes para a nossa reflexão de quem pode falar. Questiona: “Quem pode falar?”, “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que é nos permitido falar?” (RIBEIRO, 2019, p. 43).

Os questionamentos de Ribeiro se fazem necessários para que se entenda o lugar de fala. A história da colonização está repleta de exemplos em que as vozes dos colonizadores, em sua maioria europeus, se impuseram sobre as vozes dos povos indígenas e de outras minorias, isso é fato. A imposição do silêncio perante as experiências e as reivindicações dos indígenas não apenas deslegitimou suas vozes, como perpetuou uma narrativa colonial que favorecia o opressor e marginalizava o oprimido.

Concordar com o discurso do opressor muitas vezes se tornava uma questão de sobrevivência. Sendo assim, indivíduos e comunidades subjugados, frequentemente, eram forçados a se adaptar e a se conformar às expectativas do sistema dominante para evitar represálias. Essa dinâmica é um reflexo das relações de poder desiguais e das estruturas sociais que predominavam na época, mas cujas consequências reverberam até os dias de hoje.

Em *Lugar de fala*, Djamila aborda a complexidade das relações e a importância de se reconhecer as diferentes experiências e vivências de cada indivíduo. Ela argumenta em seu livro que a questão não se resume apenas à categoria social ou à identidade de quem fala, mas sim à experiência vivida e à capacidade de compreender e articular essas vivências em relação ao contexto social mais amplo. Ao enfatizar que a posição social não limita o lugar de fala, Ribeiro sugere que todos têm uma voz e uma perspectiva que podem contribuir para o debate, desde que isso seja feito com respeito e responsabilidade.

Nesse sentido, isso implica reconhecer e valorizar as vozes de grupos historicamente marginalizados, assim como a necessidade de escutar e aprender com as experiências alheias, especialmente, aquelas que são diferentes das nossas. Além disso, ela ressalta que é essencial considerar a intersecção de diferentes identidades, como raça, classe e gênero, entre outras, pois essas intersecções moldam as vivências e a forma como as pessoas se posicionam em relação ao discurso social.

“O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas (...) Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade” (RIBEIRO, 2019, p. 39-40).

Dessa forma, garante-se pluralidade de vozes e rompe-se com o discurso único que, muitas vezes, marginaliza determinadas identidades e experiências. A luta por espaços de fala e representação é importante para assegurar que todas as vozes tenham o reconhecimento do seu devido valor. Quando falamos sobre a invisibilidade das pessoas negras em instituições como universidades e mercado de trabalho, estamos nos referindo a um histórico de exclusão que, embora tenha suas raízes em estruturas sociais profundas, ainda reflete na realidade contemporânea. Ao promover a inclusão e a diversidade nos meios acadêmicos, culturais e de entretenimento, essas vozes além de

ouvidas podem ser reconhecidas como essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Por fim, todo e qualquer indivíduo possui seu lugar de fala dentro de uma sociedade. Cada um traz consigo, uma bagagem única de experiências influenciada por fatores como classe social, raça, gênero, orientação sexual, entre outros. Todos esses contextos devem ser reconhecidos e respeitados para que as vozes dos grupos historicamente marginalizados sejam legitimadas.

Os grupos privilegiados, muitas vezes, não percebem o impacto da hierarquia social que perpetuam, desse modo, a conscientização sobre a sua posição pode ajudá-los a compreender como suas falas e ações podem afetar os outros, especialmente aqueles que já enfrentam desigualdades de todo o tipo. Por isso, o diálogo aberto e a escuta ativa são fundamentais para que todos os grupos possam se envolver nas discussões de maneira igualitária.

1.1. O lugar de fala: as vozes sociais na literatura brasileira

Dando continuidade à discussão sobre o lugar de fala, agora no universo literário, em seu livro, *Literatura brasileira: um território contestado* (2012), Regina Dalcastagnè defende que a literatura brasileira contemporânea é um espaço disputado, porque grande parte dela é dominada por vozes que se assemelham, enquanto vozes sociais dissonantes acabam ficando de fora e têm seus pontos de vista expressados por meio do outro. Os autores acabam simulando eles próprios “o outro”, o que acaba culminando em problemas como falta de autenticidade e legitimidade, tanto social como literariamente. A pesquisadora e estudiosa Dalcastagnè afirma em seu livro, no capítulo “O lugar de fala”:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade

de democratização da produção artística (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

A literatura nacional tem uma vasta tradição em representar a figura do pobre e do subalterno, frequentemente de maneiras que refletem as desigualdades sociais e a marginalização, tratando-os como meros coadjuvantes nas narrativas e concentrando vieses de elite. Essas representações muitas vezes ignoravam as vozes e as perspectivas do próprio pobre, o que é um ponto essencial para a discussão sobre o “lugar de fala” do subalterno na literatura. Sobre esse fato, Dalcastagnè diz:

Quase sempre expropriado na vida econômica e social, ao integrante do grupo subalterno lhe é roubada ainda a possibilidade de falar de si e do mundo ao seu redor. E a literatura, amparada em seus códigos, sua tradição e seus guardiões, querendo ou não, pode servir para referendar essa prática excluindo e marginalizando. Perde, com isso, uma pluralidade de perspectivas que a enriqueceria (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 81).

A representação dessas vozes sociais, na literatura brasileira, é dominada, na maioria das vezes, por uma perspectiva hegemônica – que privilegia a visão de homens, brancos, urbanos e das classes médias – e levanta questões sobre como essas narrativas moldam e limitam a compreensão de identidades e experiências diversas. Nesse sentido, a representação do “outro” pode revelar preconceitos e estereótipos, resultando em narrativas que não retratam fielmente a complexidade das vivências dos grupos marginalizados. Dalcastagnè diz, que ao abordar essas experiências de forma caricata ou tratá-las de maneira exótica, o autor não só perpetua uma visão distorcida, como acaba expondo suas próprias inseguranças, medos e limitações.

Como já discutido, o conceito de fala, que se refere à ideia de que as pessoas têm diferentes níveis de legitimidade ao relatar experiências e realidades com base em suas próprias vivências, é fundamental para entender os limites das representações na literatura. Quando se fala de subalternidade – pessoas que são social, política e economicamente marginalizadas – é importante que a literatura não apenas retrate essas vozes, mas que permita que elas sejam ouvidas e que seus relatos sejam imbuídos de valor.

De acordo com Dalcastagnè (2012), a inserção de novas vozes no campo literário brasileiro é de grande relevância para entender as dinâmicas de poder e

representação na literatura. Nessa perspectiva, quando uma escritora negra e de periferia, como Carolina Maria de Jesus, consegue que sua voz seja ouvida, toda a literatura brasileira se movimenta, surgindo a necessidade de que outras vozes e experiências como as dela sejam incluídas no campo literário. Quando se fala de vozes emergentes, como a de Carolina, é importante considerar não apenas o conteúdo de suas obras, mas o impacto que sua presença provoca em um espaço tradicionalmente homogêneo.

Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao limbo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido pelos escritores da elite (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 21).

Essas novas vozes desafiam normas estabelecidas e questionam narrativas dominantes, gerando não apenas um enriquecimento do panorama literário, como também tensões e desconfortos entre as vozes já consagradas “Por isso, a entrada em cena de autores ou autoras que destoam desse perfil causa desconforto quase imediato” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 8). A resistência que se manifesta em resposta a essas inovações pode ser vista como um reflexo do medo, da mudança e da desestabilização de uma ordem cultural que, muitas vezes, privilegia determinadas narrativas em detrimento de outras. A respeito disso, Dalcastagnè diz:

A imagem não combina, simplesmente porque não é esse o retrato que estamos acostumados a ver, não é esse o retrato que eles estão acostumados a ver, não é esse o retrato que muitos defensores da Língua e da Literatura (tudo com L maiúsculo, é claro) querem ver. Afinal, nos dizem eles, essas pessoas têm pouca educação formal, pouco domínio da língua portuguesa, pouca experiência de leitura, pouco tempo para se dedicar à escrita (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 8).

Revisitar a literatura com uma lente crítica que considere essas questões pode revelar como, ao longo do tempo, as narrativas sobre as classes menos favorecidas têm

mudado e como a inserção do lugar de fala pode enriquecer essa discussão. Autores contemporâneos têm buscado dar espaço à autenticidade das experiências dos marginalizados, criando narrativas que desafiam as representações tradicionalmente dominantes e que reconhecem a complexidade das vivências dos pobres no Brasil.

Portanto, a diversidade de vozes enriquece o debate literário e contribui para uma representação mais plural da sociedade. Sendo assim, a contestação que surge com a chegada de novas vozes reflete uma luta por espaço e visibilidade que ocorre dentro de um campo que ainda precisa de maior inclusão e diversidade. A intersecção entre representação do pobre na literatura brasileira e o conceito de lugar de fala abre um campo fértil para a análise crítica, permitindo uma reflexão profunda não só sobre o passado literário, como sobre as possibilidades e responsabilidades da literatura contemporânea.

1.2. A importância da voz das classes populares no cenário literário

Nas narrativas brasileiras, os sujeitos das camadas mais pobres normalmente “nos são apresentados ou como vítimas do sistema ou como aberrações violentas” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 49) e, sendo assim, sabem que lugares devem ocupar, na maioria das vezes. A observação de Dalcastagnè sobre as representações desses grupos nas produções literárias revela questões fundamentais de como esse retrato condiciona a sociedade a ter uma percepção distorcida sobre o cotidiano dessas pessoas. De fato, a literatura reproduz, frequentemente, estereótipos que reforçam a marginalização e a exclusão social, apresentando pobres e negros, invariavelmente como vítimas ou figuras violentas. Isso contribui e reforça uma imagem limitada dos indivíduos que pertencem a essas camadas sociais.

Além das obras literárias quase sempre apresentarem o mesmo cenário sobre as classes menos favorecidas, é notório uma escassez de representatividade desses sujeitos, tanto entre autores quanto nas personagens, resultando em uma literatura que, embora possa até ter qualidade literária, apresenta uma visão que não condiz com a realidade social, centrando-se predominantemente nas experiências da classe média e alta. Diante da ausência de representatividade, Regina Dalcastagnè chama atenção, em um trecho de seu artigo “Uma voz ao sol representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”, quando diz:

Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende também às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas com uma notável limitação de perspectiva (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 35).

Sendo assim, a questão da representatividade e representação é importante, especialmente quando consideramos as vozes historicamente marginalizadas. Em *Olhos d'água*, Conceição Evaristo traz vivências de mulheres negras em um contexto social marcado pela desigualdade e pelo racismo. A autora utiliza a noção de “escrevivência” para expressar suas experiências e reflexões, uma forma de escrita que mistura a vivência pessoal com a experiência coletiva da população negra.

A descolonização da mulher negra nas páginas do livro se dá através da forma como Evaristo destaca suas histórias, colocando-as no centro do discurso literário. Ao dar voz às personagens que habitam o gueto e que são constantemente invisibilizadas, a autora desafia as narrativas dominantes que perpetuam a marginalização das classes populares. Ao assumir essa perspectiva, Evaristo não apenas narra as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, como também celebra sua resistência, força e lutas diárias. Sendo assim, sua obra se torna uma ferramenta de empoderamento e afirmação da identidade feminina negra, contribuindo para a descolonização do olhar sobre suas existências e experiências.

Desse modo, o ato de narrar a partir da própria vivência não apenas valida a experiência do indivíduo, mas também amplia o entendimento do leitor sobre realidades diversas. Isso contribui para a construção de um imaginário coletivo que desafia estereótipos e preconceitos, promovendo empatia e reconhecimento de outras vozes. Ao ampliar a discussão sobre os direitos à leitura e à escrita, somos lembrados da necessidade de criar espaço para que narrativas plurais possam emergir. Isso exige um compromisso de todos nós — escritores, educadores,

editores e leitores — em reconhecer e valorizar a riqueza das experiências humanas em sua diversidade.

Nesse contexto, é necessário complementar que a demarcação clara que cada grupo ocupa nas narrativas não é apenas uma questão de representação, mas reflete uma verdade social que permeia a vida cotidiana. O espaço da favela é muitas vezes retratado como um ambiente de violência e desespero, enquanto o espaço público onde homens brancos de classe média circulam é associado à segurança. As representações das figuras femininas são sempre dentro de casa, mulheres negras, sobretudo, costumam ser relegadas a funções domésticas, evidenciando uma divisão de gênero profundamente enraizada refletindo nas relações de raça.

Desse modo, essas representações acabam moldando as relações sociais e a percepção que a sociedade em geral tem sobre essas categorias. O contato entre as esferas de ricos e pobres é esporádico, o que perpetua a ideia de que essas realidades são isoladas, criando um ciclo de desumanização e estigmatização, que dificulta a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Sendo assim, é fácil que o leitor ache que o modo de vida desses sujeitos seja exatamente como são descritos e replicados nas narrativas.

A discussão sobre periferia e sua representação na literatura é fundamental para compreender como os sujeitos que habitam esses espaços são percebidos e, mais importante, como se autopercebem. A literatura marginal e periférica se torna uma ferramenta poderosa para dar voz a esses grupos subalternizados, permitindo que suas experiências, histórias e identidades sejam narradas e valorizadas.

Dito isso, a relevância da literatura reside na sua capacidade de refletir as dinâmicas sociais, políticas e econômicas que permeiam a vida nas periferias. Autores e autoras que emergem dessa realidade frequentemente utilizam suas obras para desafiar estereótipos, denunciar injustiças e afirmar a diversidade cultural dessas comunidades. Essas narrativas não apenas representam os indivíduos e suas vivências, mas também questionam as estruturas de poder que historicamente silenciaram essas vozes. A ideia de representatividade, conforme a professora e pesquisadora Dalcastagnè (2012) aponta, é de grande relevância, pois a possibilidade de grupos marginalizados ocuparem espaço na literatura implica que seus relatos sejam reconhecidos, validados e ressignificados dentro do panorama literário. Com esse acesso à palavra, abrem-se caminhos para um diálogo amplo sobre identidade, resistência e luta por direitos.

Portanto, a literatura marginal e periférica conecta-se com questões contemporâneas sobre a ampliação do cânone literário, desafiando narrativas tradicionais, propondo novas formas de ver, sentir e narrar a vida nas periferias. Autores contemporâneos feministas, negros, indígenas, lgbtqiap+, ao trazerem suas experiências singulares e respectivos contextos para a literatura, contribuem para um rico mosaico de vozes que representam não apenas a dor e a luta, mas também a alegria, a criatividade e a resiliência das classes periféricas.

2. CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCREVIVÊNCIA COMO VOZ DE LIBERTAÇÃO

Nascida em 29 de novembro de 1946, numa favela de Belo Horizonte (Minas Gerais), Maria da Conceição Evaristo desde muito cedo precisou lidar com a dura realidade de ser mulher, negra e periférica. Aos sete anos de idade, Conceição foi morar com uma tia por conta de dificuldades financeiras que sua mãe, Joana, possuía. A mudança trouxe oportunidades de acesso aos estudos à Conceição e foi a partir daí que a autora encontrou-se com a literatura.

Crescendo em um ambiente onde os livros eram parte do seu cotidiano, pois sua mãe e suas tias trabalharam na casa de alguns escritores renomados de Belo Horizonte, Conceição Evaristo desenvolveu um amor profundo pela leitura. Sua tia ainda tornou-se servente de uma biblioteca, lugar que se fez um espaço de descoberta e pertencimento, onde a poeta pôde explorar diferentes vozes e narrativas, nutrindo seus próprios sonhos literários.

Embora sua mãe valorizasse a educação, Conceição enfrentou desafios significativos em sua jornada escolar e começou a trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da família. Diante das dificuldades, Evaristo só conseguiu se formar no curso normal em 1971, aos 25 anos. Em 1973, sua carreira como professora começou após a aprovação em um concurso, o que a levou a se mudar para o Rio de Janeiro, onde continuou seu desenvolvimento profissional e acadêmico. O mestrado concluído pela Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro em Literatura Brasileira e o doutorado pela Universidade Federal Fluminense em Literatura Comparada, foram dois marcos importantes em sua formação, permitindo-lhe aprofundar seus conhecimentos e contribuir para a literatura brasileira.

Integrante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra, a trajetória literária de Conceição começou em 1990 com a publicação de poemas no volume 13 da série *Cadernos Negros* e se destacou com “Vozes Mulheres”. Em sua carreira, a escritora e poetiza publicou diversos livros como o romance *Ponciá Vivência* (2003) e *Becos da Memória* (2005). Em 2008, lançou *Poemas de recordação e outros movimentos*, compilando textos anteriormente publicados. Em 2011, Conceição apresentou *Insubmissas lágrimas de mulheres*, uma coletânea de contos, e, em 2014, *Olhos d’água* – objeto desse trabalho, também um livro de contos que recebeu grande

reconhecimento ao ganhar o prêmio Jabuti de literatura na categoria contos e crônicas, que consolidou sua importância na literatura.

Conceição Evaristo é uma figura central na literatura brasileira contemporânea, especialmente por sua orientação temática e estética que busca dar voz aos marginalizados. Sua obra não apenas reflete a experiência da mulher negra no Brasil, bem como se insere em um contexto mais amplo de luta e resistência das populações afrodescendentes. Seus romances e contos são marcados por uma prosa poética e incisiva, que aborda questões de raça, classe e gênero. A autora não só expõe as desigualdades e injustiças enfrentadas pela classe trabalhadora, como também resgata e celebra a ancestralidade, a cultura e a força da comunidade negra.

A escritora diz que sua obra, assim como a de Carolina Maria de Jesus, transcende o mero ato de contar histórias. Ambas se configuram como importantes instrumentos de resistência e de afirmação da identidade negra no Brasil. Por meio de suas narrativas, Evaristo consegue dar voz a personagens que frequentemente são relegados ao silêncio, trazendo ao leitor suas vivências e experiências. Em vários relatos, Conceição menciona sobre o impacto que a obra de Carolina Maria de Jesus teve em sua vida e na vida de seus familiares. Ela descreve como sua família se identificava com os personagens das páginas de Carolina, não apenas como leitores comuns, mas como parte da história retratada pela autora, e diz:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (EVARISTO, 2010).

A fala de Conceição sobre a experiência de Carolina de Jesus ilustra a importância da escrita como um ato de resistência e afirmação de identidade para mulheres negras marginalizadas. Ao destacar que a escrita é um espaço tradicionalmente reservado à elite, ela enfatiza a quebra e a reivindicação de um lugar de fala que tem sido historicamente negado a essas mulheres.

Além disso, a referência à origem afrodescendente de Conceição sugere que sua produção literária é profundamente influenciada por suas experiências e pela história

coletiva de sua comunidade. Pode-se observar isso num trecho de uma entrevista que ela concedeu ao jornalista Luis Nassif, do jornal *GGN* (Grupo Gente Nova), quando ela declara:

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também (EVARISTO, 2016).

A inclusão de narrativas e vozes da população negra enriquece a literatura, permitindo que novas perspectivas e realidades sejam contadas, refletindo a complexidade da vida nas periferias e a resistência diante da opressão. Nesse contexto, Conceição Evaristo explica, em outra entrevista, desta vez para o *Nexo Jornal*, como o termo “escrevivência” surgiu:

[A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (EVARISTO, 2017).

Portanto, Conceição Evaristo, com suas “escrevivências”, além de enriquecer a literatura brasileira, ela ilumina histórias que muitas vezes não são ouvidas pelas vozes hegemônicas. No tocante ao amor, Evaristo explora sua diversidade e complexidade, mostrando que ele pode ser uma força de união, mas também pode refletir as desigualdades sociais e as relações de poder. Em suas produções literárias, frequentemente, a escritora apresenta suas personagens enfrentando dilemas relacionados a suas identidades e contextos sociais, e o amor é apresentado tanto como um alicerce quanto como um campo de batalha. Conceição dá voz às empregadas domésticas, prostitutas e as retratam como figuras centrais em uma rede de relações sociais e afetivas que revelam as tensões e contradições do cotidiano. A escritora

também desafia tabus, como o aborto, o trabalho infantil, a violência contra mulher, a homossexualidade, construindo uma narrativa que busca legitimidade, dignidade e as experiências femininas em toda a sua complexidade.

Sendo assim, através de sua escrita poderosa e poética, Conceição Evaristo não apenas narra, mas também convoca reflexões importantes sobre a condição humana e as injustiças sociais, propondo uma visão que desafia os leitores a confrontar suas próprias percepções e preconceitos. A diversidade de temas em sua obra ressoa com a realidade de uma sociedade em constante transformação e aponta para a necessidade de uma maior inclusão e equidade social.

2.1. A personagem negra e o protagonismo nas narrativas

O lugar de fala é fundamental para a personagem negra na literatura no sentido de dismantlar a narrativa dominante que frequentemente discrimina as experiências e a voz das mulheres negras em prol de um ideal eurocêntrico e branco. Ao questionar o padrão da figura de “mulher ideal”, o feminino negro destaca a necessidade de reconhecimento das diversas identidades e realidades que coexistem entre as mulheres.

Desse modo, Conceição Evaristo constrói em *Olhos d'Água* um retrato profundo da vida das mulheres negras, revelando tanto as violências que sofrem quanto suas vozes e trajetórias. As personagens não são meramente vítimas; elas são agentes de suas próprias narrativas. Por meio de seus olhares, sentimentos e vivências, Evaristo desafia a representação tradicional, mostrando a força e a resistência dessas mulheres em um contexto de exclusão. Historicamente as mulheres negras sofrem com os ataques à sua existência, agora, entretanto, emergem como protagonistas de suas histórias, compartilham suas dores, bem como suas conquistas, seus sonhos e suas lutas por reconhecimento.

Ainda que Conceição Evaristo tenha dado outra perspectiva às essas personagens negras, é grande a falta de visibilidade. Por isso, há uma necessidade urgente de desafiar as estruturas hegemônicas que moldam a produção de conhecimento e a narrativa social. À vista disso, “seria preciso, então, desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa e debater como as identidades que foram construídas nesses contextos” (RIBEIRO, 2019, p. 21). Dessa maneira, excluir saberes e a vivência de mulheres negras significa:

Por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/o terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em confrontação desconfortável com as verdades da/o “Outra/o”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito deste dito “mantido em silêncio como segredo”. Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravização. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2019, p. 41).

O medo de falar, especialmente em contextos onde a expressão da revolta negra é vista como uma ameaça à ordem estabelecida, reflete um mecanismo de controle social intrinsicamente ligado à manutenção das hierarquias raciais e classistas. Esse silenciamento não é apenas um fenômeno histórico, mas uma prática cotidiana que perpetua a invisibilidade das lutas e das vozes marginalizadas. A ideia de que as verdades expressadas por indivíduos negros possam ser inconvenientes para uma sociedade que se acostumou a se ver refletida em discursos homogêneos e excludentes, revela uma profunda falta de compreensão sobre a abundância da experiência humana. A falsa universalidade da experiência branca, que pretende falar em nome de todos, ignora as complexidades das identidades raciais e sociais, perpetuando um ciclo de segregação e desumanização. Ressignificar o racismo como uma questão meramente subjetiva, restrita à percepção de pessoas negras, é um travestimento que desvia a atenção das estruturas de poder que continuam a operar para o benefício de poucos, em detrimento de muitos (KILOMBA, 2019).

A autora Conceição Evaristo diz que a representação de personagens brancos em posições de poder deve ser feita de forma que se reconheçam os privilégios, as injustiças e as dinâmicas de opressão que perpassam essas relações sociais. Ao construir personagens brancos, Evaristo busca expor a prepotência e os desmandos que muitas vezes caracterizam a atuação dessas figuras em contextos sociais e políticos, ressaltando

a responsabilidade que elas têm na manutenção de sistemas de desigualdade. Esta abordagem crítica destaca um aspecto fundamental da literatura: a capacidade de refletir e denunciar as realidades sociais.

Em contrapartida, a escritora também critica a forma como os personagens negros são historicamente representados. Muitas vezes vistos através de estereótipos negativos, como a preguiça, a infantilidade ou a desorganização, esses personagens são limitados a um olhar que desumaniza e reduz sua complexidade. Mas grave ainda é a sexualização dos corpos negros e a representação das culturas africanas e afro-brasileiras de maneira exótica ou folclórica, o que perpetua visões distorcidas e simplificadas (EVARISTO, 2020).

Nesse contexto, a trajetória de marginalização racial no Brasil remonta ao período colonial, quando os escravizados eram alvo de diversas formas de abuso e violências. Esse ambiente opressivo visava, além da brutalidade, o distanciamento e a desvalorização dos negros. Essas mulheres enfrentavam múltiplas formas de violência: além do trabalho forçado nas lavouras, muitas eram submetidas a abusos sexuais, o que evidenciava a crueldade do sistema escravista. O papel delas, muitas vezes, se estendia para o cuidado das famílias dos senhores, uma função que, apesar de exigente e desgastante, era invisibilizada e desvalorizada dentro da estrutura social da época.

A falta de voz e a impossibilidade de resistência por parte dessas mulheres é um ponto central para entender o legado da escravidão no Brasil. Suas histórias, lutas e conquistas foram frequentemente omitidas, mas são fundamentais para a construção da identidade e da cultura brasileira. A resistência, embora soterrada, se manifestava de diversas formas, desde pequenas desobediências cotidianas até movimentos mais organizados que buscavam a liberdade e a dignidade.

Em seus contos “Duzu-querença” e “Luamanda”, que fazem parte do premiado livro *Olhos d'Água*, Conceição Evaristo explora a bagagem e a resistência das mulheres negras, utilizando a escrita como um potente instrumento de exortação e transformação, dando voz às narrativas com a “escrevivência”, sendo capaz de fazer com que suas personagens sejam apresentadas a partir de uma perspectiva feminina que é ativa e se opõe à objetificação.

Portanto, a sua abordagem enfatiza a importância do corpo e da voz como elementos centrais na resistência e na criação cultural. Ao falar sobre a necessidade de “borrar e desfazer uma imagem do passado”, Evaristo propõe um movimento de revisitação crítica da história da escravidão, onde as experiências das mulheres negras

não são apenas lembradas, mas também celebradas e reescritas a partir de suas próprias perspectivas. (EVARISTO, 2020)

2.2. Duzu e Querença: resistência através da fantasia

A personagem Duzu, criada por Conceição Evaristo, é uma representação potente das dificuldades que muitos enfrentam na sociedade. Através da perspectiva de um narrador onisciente, somos levados a entender não apenas a situação precária que Duzu enfrenta, mas também a sua interioridade, seus anseios e a luta diária por dignidade em um mundo que frequentemente a marginaliza.

Desde o início do conto, a autora destaca as condições adversas em que Duzu vive, revelando uma realidade marcada pela pobreza, a exclusão social e a luta pela sobrevivência, mas, sobretudo, como veremos, pelos seus sonhos. É nesse contexto que Evaristo consegue transmitir a força da personagem que, apesar das adversidades, busca espaço em um mundo que parece temê-la:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficados presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho.

Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta (EVARISTO, 2014, p. 31).

Conceição Evaristo constrói de forma sensível o retrato da vida de Duzu, apresentando a condição de vida desfavorável da personagem, nos inserindo diretamente em um contexto de vulnerabilidade e luta. Ao observar as dificuldades cotidianas, a escassez e a privação, vemos como Duzu é vítima de uma violência

simbólica e moral. Essa violência se manifesta tanto nas relações sociais quanto em suas próprias expectativas e desejos. A busca por um alimento como representação da felicidade é emblemática, pois, para Duzu, a comida imaginada ou sonhada não é apenas sustento, mas um símbolo de afeto, de pertencimento e de um desejo de escapar da dureza da realidade. Essa relação com a comida evoca uma dimensão emocional e cultural que ressoa profundamente com a experiência de muitas pessoas que vivem em contextos similares.

No entanto, quando analisamos o conto Duzu-Querença somente pela perspectiva da violência de gênero, fome, pobreza e outras mazelas que a personagem enfrenta no decorrer de sua trajetória, corre-se o risco de perpetuar estereótipos limitantes sobre as pessoas negras, reduzindo sua existência a meros sujeitos violentados. Essa visão unidimensional não apenas desconsidera a riqueza de suas histórias, como apaga as formas de resistência que emergem em suas vivências cotidianas.

Evaristo expõe a realidade de Duzu e como ela foi marcada por diversas formas de violência – econômica, social, racial e sexual. Desde muito jovem, Duzu é forçada a abandonar o núcleo familiar em busca de oportunidades que parecem escassas. Essa jornada se transforma numa luta constante pela sobrevivência em um ambiente hostil. Mas, apesar das dificuldades enfrentadas, Duzu investe na fantasia como estratégia de resistência. Essa capacidade de sonhar e imaginar um futuro diferente torna-se um mecanismo vital para suportar os traumas e as adversidades que a cercam. A fantasia permite que ela escape, mesmo que por breves momentos, da dura realidade de viver nas ruas e de toda a exploração que sofre.

Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias (EVARISTO, 2014, p. 35).

A protagonista do conto de Evaristo precisava encontrar maneiras de se manter firme, pois, após anos enfrentando experiências que feriram tanto o seu corpo quanto sua mente, era fundamental descobrir um jeito de vivenciar a felicidade. A fantasia se apresentava como um escape, uma forma de se distanciar da dura realidade e mergulhar em experiências que, desde a infância, pareciam inalcançáveis. Ao disfarçar sua dor e

desafiar as tristezas acumuladas do passado e do presente, Duzu podia se transformar em qualquer coisa – uma boneca, uma fada ou uma rainha. Nesses momentos de liberdade, ela tinha a oportunidade de sonhar e ver seus desejos se materializarem.

Duzu buscava por espaços não ocupados pelo opressor, o que reflete uma profunda necessidade por liberdade emocional. Ao viajar através da imaginação, Duzu se desconecta da realidade opressora que a rodeia, criando um refúgio onde pode experimentar a alegria e a esperança, contrastando com os dias de sofrimento que a vida impôs. Essa estratégia de viver um futuro idealizado, longe das cicatrizes do passado, é uma forma de resistência da personagem. A capacidade que ela tem de sonhar e de fantasiar, além de ser um mecanismo de sobrevivência, é uma afirmação de identidade. A narrativa culmina com essa busca incessante por alegria, destacando como a imaginação pode servir como um espaço de libertação, mesmo em meio à adversidade.

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real (EVARISTO, 2014, p. 35).

Nesse sentido, a personagem principal do conto é alguém que manifesta resistência e ousadia ao aceitar seu papel de rainha, o qual, de outro modo, seria inviável diante de sua dura realidade. Duzu não teria a chance de ser rainha na vida marcada por violências que o bordel lhe ofereceu, mas ao se conectar com a fantasia, a protagonista consegue explorar um espaço livre de opressão. Assim, ela desconstrói estereótipos e se transforma em uma musa, pois mesmo que a realidade a limitasse, nunca conseguiria roubar seus sonhos. Nesses sonhos, ela pode ser quem desejar e da forma que quiser, uma vez que no universo imaginário suas asas a levam a alturas inalcançáveis pelos discursos racistas, sexistas e classistas, lugar onde essa menina – mulher – negra vivencia momentos fabulosos que a livram do sofrimento.

Estava chegando uma época em que sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer. (EVARISTO, 2014, p. 35-36)

Desse modo, o carnaval representava para Duzu uma chance de se desligar das amarras da dor que, por tanto tempo, marcaram sua vida e a de sua família. Era como se aquela época de cores vibrantes e músicas contagiantes funcionasse como um bálsamo para as suas feridas, permitindo que a alegria se manifestasse de forma intensa, construindo memórias felizes, mesmo que breves, e essas memórias eram como pequenos refúgios em meio à tempestade.

Nesse sentido, é importante destacar a transmissão de experiências e histórias entre mulheres, especialmente entre aquelas que enfrentam desafios semelhantes. E a conexão geracional é fundamental para uma nova narrativa, onde a dor não é apenas um fardo, mas um ponto de partida para resistência e esperança. Ao compartilhar suas vivências com sua neta Querença, Duzu não apenas preserva sua história, como oferece uma oportunidade para que as próximas gerações se conectem com suas raízes e se inspirem na força das que vieram antes dela e que percorram e conquistem caminhos menos dolorosos.

Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando

brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho... (EVARISTO, 2014, p. 36).

A fantasia vivida por Duzu reflete um legado profundo que transcende gerações. No final da vida, ela não apenas se despediu do mundo físico, mas também semeou sementes de força e sabedoria em sua neta. Essas lições, carregadas de vivências e experiências, tornaram-se um farol para a menina, guiando-a em sua própria jornada de superação e autodescoberta. Não eram apenas relatos do passado que Duzu compartilhava; e sim uma bagagem que demarcava a luta e a resiliência de mulheres negras, que enfrentaram e continuam a enfrentar desafios sociais e raciais. Portanto, a protagonista reconhece que Querença será alguém capaz de não apenas preservar aspectos da tradição, como também alguém capaz de romper com todas as limitações que encarceraram sua avó.

3. REPRESENTAÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA

A representação na literatura implica não apenas a presença de algo ou alguém, mas uma reinterpretação que pode, muitas vezes, não capturar a totalidade de experiência vivida. Os discursos na literatura estão longe de serem neutros e têm o forte poder de modificar as percepções do leitor. São construídos a partir de particularidades de quem os escreve, refletindo assim, suas experiências, visões de mundo e até limitações. Quando se fala de representar um grupo, como o das mulheres negras, surgem preocupações éticas sobre quem tem autoridade para contar essas histórias e de que maneira essas histórias são contadas.

Nesse sentido, quando a literatura tende a simplificar ou estereotipar, corre-se o risco de ocultar a riqueza e a diversidade das trajetórias individuais e coletivas. A perpetuação de ideologias marginaliza e reduz grupos a categorias definidas reforçando desigualdades sociais e culturais. Desse modo, é fundamental que as vozes das próprias mulheres negras sejam priorizadas e amplificadas, possibilitando-lhes contar suas histórias em suas próprias palavras.

Têm se visto um esforço na literatura contemporânea em expandir essa representatividade, trazendo narrativas que desafiam os clichês e propõem uma visão mais rica das identidades. Autoras negras como, por exemplo, Conceição Evaristo que é meu objeto de estudo, entre outras, têm contribuído e muito para uma reavaliação de temas como racismo, feminismo e identidade, enriquecendo o panorama literário e oferecendo novas perspectivas que reconhecem a profundidade das vivências negras e femininas.

Regina Dalcastagnè (2002) oferece uma reflexão essencial sobre a representação na literatura e os desafios enfrentados pelos grupos marginalizados. Ao discutir a natureza do "outro", é essencial considerar como as narrativas podem servir tanto como um espaço de visibilidade quanto de silenciamento, pois, ao representar vozes diversas, questiona e desafia as estruturas de poder que historicamente relegaram certos grupos a posições ocultas.

Nesse sentido, os estudos literários e até o próprio fazer literário têm se tornado mais inclusivos, expandindo o foco para as narrativas de grupos que, muitas vezes, são sub-representados ou mal representados. Essa mudança é importante, visto que a literatura não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um meio de questionar e

redefinir as narrativas hegemônicas. Além disso, os estudiosos e escritores têm a oportunidade de confrontar preconceitos e estereótipos, oferecendo novas perspectivas a esses sujeitos, trazendo uma maior diversidade.

Portanto, a dialogicidade entre Evaristo, a pesquisadora Dalcastagnè e Ribeiro, torna-se um espaço fértil para refletir sobre a construção da identidade das classes populares, especialmente, das mulheres negras, na literatura. A opressão histórica é subvertida pela resistência e resiliência dessas personagens que, mesmo imersas em narrativas que muitas vezes as reduzem a estereótipos, conseguem se empoderar, celebrando vozes autoafirmativas e, em muitos casos, desafiando os papéis tradicionais impostos pela sociedade.

3.1. Mulheres negras: donas de seus corpos

A representação do corpo da mulher negra na literatura revela uma trajetória marcada por estigmas e preconceitos enraizados. Desde as primeiras narrativas até as obras contemporâneas, a mulher negra aparece, frequentemente, como um símbolo de inferioridade, tratada como objeto em vez de sujeito, com sua individualidade e profundidade negadas.

Nessa perspectiva, essas representações têm raízes em um contexto histórico que, por muito tempo, hierarquizou raças e gêneros, perpetuando a ideia de que as mulheres negras eram apenas figuras subalternas, desprovidas de dignidade e direitos. O uso de estereótipos, como a hipersexualização e a exotização do corpo da mulher negra, reflete uma visão distorcida e limitada, que a reduz a meros atributos físicos. Além disso, as mulheres negras é negado o direito à maternidade. São vistas como mães descuidadas ou incapazes, o que lhes despoja da autonomia e da voz que deveriam ter sobre suas próprias vidas e suas histórias.

Na literatura, seus corpos e desejos sexuais são marcados – na maioria das vezes – pelo domínio masculino e são alvos de controle e objetificação, refletindo um padrão cultural que resulta em limitação e silenciamento. Segundo Perrot (2003, p.13): “pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. [...] Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto dos olhos e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele”.

Nesse sentido, o corpo da mulher é historicamente associado à reprodução, desassociando-o de sua individualidade e subjetividade. Já essa condição de ser "objeto dos olhos" enfatiza a maneira como a mulher é vista através de um olhar masculino, no qual seu valor muitas vezes está vinculado à aparência e à capacidade de atrair o desejo alheio. O corpo feminino, então, não é apenas um espaço físico, mas um campo de batalha de representações sociais, valores e ideais que são impostos por uma cultura dominante.

As mulheres negras sofreram processos prolongados e intensos de silenciamento e subordinação em relação à figura masculina, tanto no aspecto público quanto no privado. Seja nas narrativas ou na sociedade, essas mulheres tiveram seus corpos considerados abjetos, ou seja, segundo Butler (2000) corpos que não se encaixam nas normas sociais, sendo categorizados como diferentes do padrão estabelecido pela cultura dominante, que privilegia o homem branco machista. Sendo assim, o corpo da mulher negra, historicamente, na literatura nacional, foi frequentemente reduzido e representado de maneira opressiva, como ferramenta de trabalho, disponível sexualmente e com características animais ou primitivas.

Entretanto, produções literárias advindas de escritoras negras nas últimas décadas revelam uma transformação significativa na representação dessas mulheres, refletindo uma mudança nas narrativas e na visibilidade dessas autoras. Proporcionando uma nova perspectiva que desafia as representações tradicionais, elas oferecem uma visão mais autêntica. Por isso, é de suma importância que mulheres negras escritoras e suas obras ganhem espaço no cenário literário para que suas vozes alcancem novos leitores e propaguem um novo discurso literário acerca de mulheres negras, permitindo que leitores de diferentes origens tenham acesso a histórias e pontos de vista que desafiem e ampliem as representações tradicionais.

As conexões do movimento negro juntamente com o apoio de escritores e intelectuais no século XX desempenharam um papel na mudança da narrativa e na visibilidade das autoras negras, permitindo que elas falassem sobre seus corpos e sexualidades de maneira legítima e poderosa. Esse processo de afirmação e empoderamento foi possível de ser observado, neste trabalho, com os contos de Conceição Evaristo. Nesse contexto, no trecho abaixo, DUARTE (2009) diz:

[...] encontramos o redirecionamento da voz narrativa que, sem descartar a sexualidade, está empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e

resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito. Nessas autoras, o ponto de vista interno à mulher afrodescendente põe em cena o lado feminino da exclusão (DUARTE, 2009, p. 16).

Dessa maneira, a resistência da mulher negra e a necessidade de verbalizar poeticamente na literatura seus desejos são aspectos que revelam o papel da literatura como um meio de expressão e autonomia. Através da escrita, essas escritoras, além de documentarem e compartilharem suas experiências, desafiam e transformam as estruturas sociais e culturais que as silenciaram historicamente.

3.2. O poder do erótico como empoderamento em Luamanda

Luamanda, a protagonista do conto homônimo de *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, partilha de experiências amorosas e sexuais que ressoam como força do poder erótico. Ao longo de sua trajetória na narrativa, ela não apenas revisita suas lembranças, mas mergulha em uma intensa reflexão sobre sua identidade, autonomia e o papel do amor em sua vida.

Com cinquenta anos, Luamanda representa uma fase de maturidade que lhe confere um olhar mais profundo e consciente acerca de suas escolhas e vivências. Sua jornada não é apenas uma busca pelo amor, mas uma investigação do próprio corpo como espaço de resistência e autodescoberta. Ao reconhecer as várias faces que habitaram sua identidade ao longo das experiências amorosas, Luamanda transforma suas memórias em um ato de empoderamento, ao se apropriar de sua história e sexualidade.

Através do olhar de Luamanda, a narrativa estabelece um diálogo potente a respeito do erótico não como um mero aspecto físico, mas como uma expressão do desejo de ser plena, de amar e ser amada em suas condições mais fundamentais. Desse modo, a representação de Luamanda, tem um papel na desconstrução de estereótipos que historicamente cercam a sexualidade das mulheres negras. Ao desafiar normas impostas e explorar outras possibilidades de ser e estar no mundo, ela não apenas reivindica espaço para o seu corpo, como também abre debates sobre temas como raça, gênero e sexualidade. Nesse sentido, a protagonista Luamanda se torna uma voz potente contra a heteronormatividade, questionando as expectativas que a sociedade impõe sobre o que é “aceitável” para mulheres negras.

Apesar de suas cinco décadas, Luamanda é frequentemente confundida com alguém de apenas 35 anos, fazendo com que sua vivacidade e energia desmintam sua idade cronológica:

Luamanda consertou o vestido no corpo observando por alguns instantes o colo e o pescoço. Não, a sua pele não denunciava as quase cinco décadas que já havia vivido. As marcas no rosto, poucas, mesmo quando observadas de perto mentiam descaradamente sobre a sua idade. Nunca ninguém havia lhe dado mais de quatro décadas de vida. Um dia o lance mais alto que ela orgulhosamente aceitara fora de 35 anos. Sorriu ao ouvir a oferta. É, estava inteirinha, apesar de tantos trambolhões e acidentes de percurso em sua vida- estrada (EVARISTO, 2014, p. 59).

A ligação que Luamanda tem com a lua, como simboliza seu próprio nome, revela uma conexão profunda com as diferentes fases e ritmos da vida. Assim como a lua passa por transformações, a protagonista também transparece uma dinâmica pessoal, refletindo as nuances de sua identidade e experiências. No universo do erotismo, essa intimidade consigo mesma não é apenas física, mas também emocional e espiritual. O poder do erótico que reside em seu corpo é uma força vital que a impulsiona em sua jornada de autoconhecimento e autorrepresentação. Essa energia erótica da mulher negra, muitas vezes silenciada ou subestimada, ganha voz e singularidade através de sua relação com a lua, que a inspira a explorar suas próprias potências e desejos.

Luamanda, ao reconhecer e abraçar essa conexão torna-se dona de sua própria história. A lua, com sua luz e sombra, simboliza a aceitação de todas as suas facetas — desde as mais luminosas até as mais obscuras. Esse processo de autodescoberta a habilita a transformar sua experiência de vida em um ato de criação, onde o erótico não se limita ao ato físico, mas se expande em um manifesto de liberdade e autoafirmação:

Lua, Luamanda, companheira, mulher. Havia dias em que era tomada de uma nostalgia intensa. Era a lua a mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra se desmilinguia todinha. Era como se algo derretesse no interior dela e ficasse gotejando bem na altura do coração. Levava a mão ao peito e sentia a pulsação da vida desenfreada, louca. Taquicardia. Tardio seria, ou mesmo haveria

em que as necessidades do amor seriam todas saciadas?
(EVARISTO, 2014, p. 59-60).

A personagem, ao longo de sua jornada, revela suas experiências amorosas e emocionais e, em cada relação que descreve, surgem questionamentos profundos sobre a natureza do amor, suas dores e suas delícias. No início, como criança, ela viveu um amor inocente, marcado pela confusão dos sentimentos e a idealização, típica da juventude. Essa fase da vida, marcada por amores platônicos, a levava refletir se o amor era algo que trazia dor ou se, na verdade, poderia transformar-se em um terreno estéril, sem vitalidade. Conforme ela envelhece, os encontros se tornam mais significativos, embora também tragam um peso de experiências acumuladas. No alto dos seus cinquenta anos, Luamanda se observa diante de mais um encontro, sentindo-se ao mesmo tempo ansiosa e esperançosa. Cada relação que teve até ali, cada amor vivido, a transformou e a fez indagar se realmente conhecia aquilo que buscava.

Sobre prazer e sexualidade, a escritora americana Audre Lorde diz que, reconhecer e abraçar nossa capacidade de gozo vai além do sexual, e se entrelaça com todas as áreas da nossa vida. Essa conexão nos faz entender que podemos gerar prazer em diversas atividades – como na escrita, nas relações interpessoais ou no trabalho – ,permitindo-nos viver de forma mais plena e autêntica. A experiência do prazer, segundo Lorde, atua como uma forma de empoderamento. Quando nos permitimos sentir prazer, tornamo-nos mais criativos e engajados, o que pode transformar nossas atividades cotidianas em momentos significativos. Essa visão nos convida a reavaliar nossas experiências e a buscar formas de integrar o gozo em tudo que fazemos:

Outra maneira importante por meio da qual a conexão com o erótico opera é ressaltar de forma franca e destemida a minha capacidade para o gozo. No modo como o meu corpo se alonga com a música e se abre em resposta, ouvindo atentamente seus ritmos mais profundos, de maneira que todos os níveis da minha percepção também se abrem à experiência eroticamente satisfatória, seja dançando, montando uma estante, escrevendo um poema, examinando uma ideia (LORDE, 2019, p. 71).

Nesse sentido, a representatividade feminina das mulheres negras sugere uma nova narrativa que desafia estereótipos e expectativas sociais. Ao explorar a relação entre o erótico e a experiência do gozo, ela pode simbolizar uma liberdade de expressão e uma busca por prazer que vai além das limitações impostas. Esse "borrar" dos papéis

reservados para a mulher negra indica um rompimento com a tradição que busca restringir suas experiências e sua identidade. Luamanda pode representar uma figura que reivindica seu espaço e afirma sua sexualidade de maneira singular, desafiando as narrativas predominantes que muitas vezes silenciaram ou distorceram os saberes dessas figuras.

Conceição Evaristo, ao apresentar Luamanda, não apenas introduz uma protagonista, como também uma voz forte e carregada de nuances que provoca as percepções tradicionais. Sua protagonista se destaca ao expressar orgulho por sua idade, algo que desafia o que muitas vezes é imposto socialmente às mulheres, que frequentemente enfrentam discriminação etária e racial. Essa inversão de expectativas – onde a personagem não se vê como objeto de sua idade, mas sim a celebra – é uma eficaz forma de subverter as narrativas que geralmente marginalizam figuras como a dela.

Desse modo, este retrato permite que os leitores reflitam sobre a intersecção entre idade e raça, levantando questões sobre os preconceitos que persistem na sociedade. Ao invés de se conformar à angústia que constantemente acompanha a passagem do tempo, Luamanda exibe uma resiliência e uma autoafirmação que ressoam poderosamente. A narrativa, assim, não apenas nos apresenta uma história, mas propõe uma reflexão crítica sobre como as identidades podem ser reinterpretadas e celebradas: “Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo. Alma-menina no tempo? Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade” (EVARISTO, 2014, p. 63).

Luamanda rompeu as barreiras da hegemonia permitindo-se ser verdadeira em suas relações. Através de suas experiências, aprendeu que o amor e o prazer não precisam se conformar a padrões impostos pela sociedade. Ao se permitir experimentar toda a potência do corpo feminino, ela não apenas desafiou normas, mas também celebrou a beleza da feminilidade em todas as suas formas: “Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos” (EVARISTO, 2014, p. 61); o corpo masculino jovem: “O jovem amamentando-se no tempo vivido dela. Luamanda se realimentando, reencontrando a sua juventude passada e encantada pela virilidade quase inocente dele” (EVARISTO, 2014, p. 61); e o corpo masculino envelhecido: “Aconteceu também a paixão avassaladora pelo velho, pelas rugas que ele trazia na pele, pelo cansaço dele, pela cópula que ela esperava e espreitava durante dias e dias.

Era tão bom contemplar aquele falo adormecido, preguiçoso, sábio de tanto corpos-histórias do passado” (EVARISTO, 2014, p. 62).

Portanto, para Conceição, o erótico, além de ser uma esfera de prazer, é também um espaço de empoderamento, onde os corpos das mulheres negras reivindicam seu lugar no mundo. Esses corpos, carregados de histórias e identidades, se tornam flechas de esperança, apontando para novos caminhos de amor e afeto que vão além das limitações sociais e dos estereótipos impostos. O erótico, nesse sentido, é uma força provocadora que desafia a opressão e oferece um caminho para a autoafirmação e o empoderamento.

Ao reverenciar a visão de Evaristo, celebramos a coragem e a força das mulheres negras em se apropriarem de suas narrativas eróticas como armas de libertação, onde cada gesto, cada narrativa, transforma-se em um manifesto de amor e esperança. Em última análise, seu trabalho nos convoca a repensar nossas próprias relações com o erótico e a amar de uma forma que seja, antes de tudo, livre e autêntica.

4. CONCLUSÃO

Tal como referido na introdução, neste trabalho foi discutido o lugar de fala das classes periféricas, sobretudo das mulheres negras, dentro da literatura brasileira, e como é preciso refletir profundamente sobre a representação desses sujeitos nas narrativas contemporâneas. Os padrões estéticos convencionais que, muitas vezes, deslegitimam e marginalizam as vozes provenientes das periferias e das classes com condições menos favorecidas, evidenciam como essas narrativas frequentemente são silenciadas.

A estudiosa Regina Dalcastagnè (2012) demonstra, em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, como obras e autores que se debruçam sobre essas realidades indicam ser possível que a literatura pode e deve ser um espaço de contestação e de visibilidade para histórias que não costumam ter espaço na literatura. Ler os estudos de Dalcastagnè nos provoca a repensar não apenas as narrativas e personagens que são valorizados, mas também a forma como o próprio ato de contar histórias está intrinsecamente ligado a questões de poder e representação social.

Ao afirmar que a literatura é um território contestado, Dalcastagnè destaca a riqueza do campo literário, especialmente no que diz respeito à representação de vozes marginalizadas, como também a dos autores negros. A crítica literária é essencial nesse contexto, pois serve não apenas como um guia para a formação do corpus literário, mas também um meio de desafiar narrativas hegemônicas que frequentemente reduzem as obras de autores periféricos a meros “temas” de representatividade.

Conceição Evaristo, com seus contos e através de sua escrita, consegue criar personagens que não apenas rompem com os estereótipos tradicionalmente impostos à mulher negra, como também revelam a complexidade de suas vidas e emoções. Em seus contos, essas mulheres são apresentadas em sua plenitude, com histórias ricas que refletem suas experiências únicas, suas lutas e suas vitórias.

Nesse sentido, a tessitura poética de Evaristo subverte estereótipos e oferece um espaço de liberdade onde o íntimo pode florescer. As personagens são humanas, com desejos, medos e uma rica vida interior, mostrando que, mesmo em meio às opressões sociais, há a capacidade de resistência, amor e autoconhecimento.

É o que se observa com a representação do corpo da mulher negra tanto em “Duzu-Querença” como em “Luamanda”. Conceição Evaristo desafia os paradigmas da

literatura dominante ao criar personagens femininas que fogem das expectativas convencionais associadas a mulheres negras na literatura. Tanto a autora quanto suas personagens rompem com estereótipos ao apresentar novas maneiras de existir na sociedade, gerando assim, uma renovação na forma de abordar a escrita e a representação. A “escrevivência” de Conceição Evaristo, portanto, torna-se um ato de resistência e ressignificação da memória e do corpo da mulher negra, buscando desconstruir visões distorcidas desse sujeito na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autêntica, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira** (Brasília), n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. “Vida e obra de Conceição Evaristo”. Entrevista concedida a Luis Nassif. *Jornal GGN* (Grupo Gente Nova), em 11/07/2016. Acesso em: 02 jul. 2024

EVARISTO, Conceição. “Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima. *Nexo jornal*, em 26/05/2017. Acesso em: 02 jul. 2024

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: literatura e consciência negra**. Entrevista concedida a Bárbara Araújo. *Blogueiras Feministas*, em 30/09/2010. Acesso em: 02 jul. 2024

DALCASTAGNÈ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*”, [S. l.], n. 20, p. 33–77, 2002. Disponível em: [Uma voz ao sol representacao e legitimid.pdf](#). Acesso em: 24 jun. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. (2012). **Literatura brasileira contemporânea – um território contestado**. Vinhedo, SP: Editora Belo Horizonte.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Mulheres Marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf. Acesso em: 20 de ago. 2024.

LORDE, Audre. **Usos do erótico: o erótico como poder**. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 67-74, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019. 244 p.

PERROT, Michele. “Os silêncios do corpo da mulher”. In: MATOS, Maria Izilda de; SOILET, Rachel (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.